

20-08-2024

## SOBRE VIVÊNCIAS: O VOVÔ DO UBER

**Priscila Pazos**

[Fisioterapeuta. Doutora em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Maricá, 22 de julho, 17h. Entrei no Uber em direção ao centro da cidade. No volante, um senhor desejou-me boa tarde e logo começou a corrida. Puxei uma conversa e, a partir do elo simbólico entre envelhecimento, trabalho e aquele trabalhador, nasce esse texto, essa reflexão. Com o avanço das tecnologias digitais nos últimos anos, o mercado de trabalho foi impactado fortemente, sendo destacada neste texto a mudança conhecida como economia de plataforma, ou seja, atividade de trabalho por meio de tecnologias digitais. Segundo o [IBGE](#) (2022), o Brasil tinha 1,5 milhão de pessoas que trabalhavam por meio de plataformas digitais e aplicativos de serviços, equivalente a 1,7% da população ocupada no setor privado. Desse total, 52,2% (778 mil) exerciam atividade de transporte, 39,5% (589 mil) na entrega de comida etc., e 13,2% (197 mil) trabalhavam em prestação de serviço. Desses trabalhadores, cerca de 77,1% trabalham por conta própria. As atividades econômicas plataformizadas no transporte de pessoas e entrega de produtos se expandem a cada dia e esse tipo de trabalho é indicado pelas empresas prestadoras do serviço como uma atividade favorável ao trabalhador, já que se apresenta como um modelo vantajoso, flexível e rentável. Entretanto, por trás dessa máscara, ou até mesmo pela frente dela, esse tipo de atividade é influenciada e controlada pelas empresas que operam as plataformas, de modo que a atuação dos trabalhadores sofre impactos de metas diárias e demandas, o que representa um risco para eles ([Dieese, 2024](#)). Ademais, o trabalho plataformizado promove um afastamento das obrigações trabalhistas das empresas, sob a justificativa de autonomia do trabalhador. Dessa forma, a saúde das trabalhadoras e dos trabalhadores sofre ainda mais com os modos operatórios dessas plataformas, já que há uma ampliação da precarização das relações de trabalho, enfraquecimento do coletivo de trabalhadores, associada às extensivas cargas horárias e à periculosidade da atividade, devido a aspectos do território onde ocorre o serviço ou aos meios de trabalho como carros, motos e bicicletas. A busca pelo lucro e a necessidade dos trabalhadores em manter uma renda diante da instabilidade financeira crônica é uma luta imposta pela *sobrevivência* e que contribui para os adoecimentos físicos e psíquicos, gerando impactos negativos na qualidade de vida. Essa situação amplia as desigualdades sociais e favorece a captura da subjetividade dos trabalhadores ([Gomes-Souza e Tramontano, 2023](#)). Ainda que tenhamos no Brasil as Normas Regulamentadoras (NRs), que definem regras para garantir a saúde e a segurança dos trabalhadores, além de políticas públicas em [Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora](#) e demais instrumentos jurídicos de proteção ao trabalhador, ainda não é respeitada a saúde e a proteção da vida desses trabalhadores. Para mais, os mesmos sofrem também com a falta de uma rede de amparo e proteção social. ....

Nesse contexto, temos o aumento de indivíduos com 60 anos ou mais como trabalhadores plataformizados, como motoristas de aplicativo de viagens ([Barros e Raymundo, 2021](#)). A necessidade de seguirem ativos no mercado de trabalho faz com que os mesmos se submetam a situação de trabalho para complementar a renda e a aposentadoria. São histórias de *sobrevivência* de avós, avôs e até bisavós que ainda são responsáveis por boa parte da renda familiar. Longe de romantizar a situação, devemos atentar para as condições de vida e saúde de pessoas idosas no Brasil. ....

Falando em "*sobre vivências*", volto à história de vida de Sr. Edimilson, conhecido pelos clientes como o vovô do Uber maricaense. Aos 65 anos, ele nos conta a respeito da sua história de trabalho e inserção no mundo digital do trabalho, através da plataforma de corrida para passageiros.

*"Comecei nesse ramo há 8 anos, após conseguir a carteira de motorista profissional. No início eu achava que era um bicho de sete cabeças mexer no celular com GPS. Foi difícil, mas aí eu insisti. Uns amigos me ensinaram usar a plataforma. Comecei a trabalhar só aos sábados e domingos. De segunda a sexta trabalhava numa firma, mas como eu precisava complementar a minha renda, esse dinheirinho do aplicativo me salvava. Eu sou o responsável pelo grosso das contas de casa. Depois, quando fui demitido da firma, chorei, fiquei triste, porque era aquilo que eu fazia há anos. Hoje trabalho de segunda a segunda. Na ocasião eu tentei, mas não consegui outro trabalho... Pois você sabe como é né? Ninguém quer dar emprego pra velho. Depois de anos trabalhando em uma ótica, passei a ter o carro como principal ofício. No início eram flores... até o carro era novinho, mas hoje eu e ele estamos velhos. O dinheiro mal dá para fazer a manutenção das máquinas [referindo-se a ele e ao carro]. Antes eu pegava qualquer corrida, mas hoje estou mais seletivo. Meu corpo não acompanha mais o tranco do dia a dia. Desde que entrei nesse ramo tenho dores nas pernas, na lombar e pouco tempo pra comer. Descansar é luxo pra mim. A minha patroa [referindo-se à esposa], diz: tá na hora de parar com esse negócio porque é perigoso. Vai procurar um outro trabalho, um emprego "de verdade". Isso é uma coisa que me chateia as pessoas acharem que o que eu faço não é um trabalho.*

*A insegurança é uma outra preocupação pra quem pega o carro e para quem dirige também. Já o trânsito...enfrento uns engarrafamentos pra lá, pra cá, mas vou levando. Além de fazer corrida com passageiros, faço entrega de costuras no Rio de Janeiro e vendo uns panos de prato feitos pela "madame" por R\$10 reais. Esses panos ficam no banco do carona e sempre que dá ofereço aos passageiros. Com relação a direitos, eu penso que esse negócio de aposentadoria, férias, décimo terceiro é uma coisa do passado para mim. Perdi a esperança quando perdi meu emprego. O que eu sei hoje é que vivo do doloroso presente. Falando em presente, mês que vem é meu aniversário e eu já falei pra "madame": eu vou me endividar mais pouquinho, mas preciso tirar um final de semana de descanso. Também tenho o direito de ir e vir com a minha família nesse carro".*

A partir dessa e de tantas outras histórias de pessoas idosas que permanecem no mundo do trabalho, a idade não é apenas um número. É preciso pensar em um futuro mais justo e equitativo, sendo importante que governos, sindicatos e sociedade civil atuem na criação e implementação de políticas que protejam os direitos fundamentais dos trabalhadores ao longo da vida. Através de ações comprometidas com a promoção de condições de trabalho dignas e seguras poderá ser construído um ambiente de trabalho que seja mais humano ainda que estejamos na era digital. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.